

UM SONHO RECICLÁVEL

Juliano Souza¹

RESUMO

O presente artigo apresenta a vivência como professor de oficina “reciclando o som”. Parto de minha trajetória. Termino com algumas considerações finais de como a música é importante na humanização da educação.

Palavras-chave: música, educação, humanização.

Este é um relato de experiência de ensino musical, que está sendo apresentado ao IX Seminário Diálogos com Paulo Freire no eixo “Humanização, Diálogo e Amorosidade”. Nele pretendo descrever a caminhada que temos feito na oficina no Centro Municipal de Atividades Educacionais (CEMAE Aprender). Aqui descrevo, também, um pouco da minha trajetória musical, com o intuito de contribuir para mostrar que todo sonho, mesmo se muitas vezes não houver recursos financeiros para realizá-lo é possível. Ficaria muito feliz se quem sabe, através desse relato outras pessoas também despertassem a sua veia musical, e assim formar novos artistas, como tem sido o objetivo da minha oficina. Sigo com isso, a ideia de Paulo Freire que falava: “*Quem forma se forma e re-forma ao formar e quem é formado forma-se e forma ao ser formado*”. (FREIRE, 2007, p. 23).

O CEMAE Aprender

Sou professor no Centro de Atividades Educacionais Aprender. De acordo com Projeto político pedagógico, CEMAE Aprender atende cerca de 230 crianças de seis a doze anos no contra turno escolar na cidade de Igrejinha. Atualmente, a instituição está instalada no parque de Evento Almiro Grings onde, em outubro, realiza-se a Oktoberfest, festa tradicional da cidade. Naquele mês, as atividades são deslocadas para outros polos.

O CEMAE Aprender é a principal instituição que oportuniza uma complementaridade ao desenvolvimento educacional de seus estudantes, promovendo diversas oficinas, das quais eu faço parte de uma delas, a oficina de percussão de latas feitas a partir de materiais recicláveis.

1 Juliano Souza é graduando em Pedagogia pela UNIGRAN. Atualmente trabalha no CEMAE Aprender como tutor e professor da oficina Reciclando o Som, banda de lata. Este artigo foi apresentado ao IX Diálogos com Paulo Freire realizado em Igrejinha no ano de 2015.

A escola de Educação Básica é o espaço em que se ressignifica e se recria a cultura herdada, reconstruindo-se as identidades culturais, em que se aprende a valorizar as raízes próprias das diferentes regiões do país.

Essa concepção de escola exige a superação do rito escolar, desde a construção do currículo até os critérios que orientam a organização do trabalho escolar em sua multidimensionalidade, **privilegia trocas, acolhimento e aconchego, para garantir o bem-estar de crianças, adolescentes, jovens e adultos, no relacionamento entre todas as pessoas.** (EDUCAÇÃO, 2010, grifos nossos).

Foi inspirado por esta preocupação que a tutoria foi criada em 2015. Segundo o perfil trabalhado em reunião pedagógica com o grupo de professores. As turmas são denominadas por cores, por exemplo, as cores das minhas turmas, tanto da manhã quanto da tarde é a cor branca.

“A tutoria no CEMAE é um projeto com ações que buscam promover a educação emocional do indivíduo entre educador e educando, tendo a escuta e o respeito mútuo como ferramenta maior. Para que isso ocorra, é necessário que seja estabelecida uma relação de confiança pautada na ética, buscando permanentemente, através do diálogo, desenvolver de forma coletiva orientações que visam além da aprendizagem, a autonomia, a autoestima e a resiliência em situações diversas para que o educando possa crescer em sua integralidade humana.” Além disso, procura-se com ela dar vazão às questões emocionais dos estudantes, possibilitando um vínculo maior entre educandos e educador. Dessa forma, permite-se dar voz ativa para as crianças, que encontram um canal para socializar angústias, dividir dores, confraternizar emoções e melhorar sua autoestima. (CEMAE,2015, p. 09).

Na tutoria, trabalhamos muito a compreensão de Paulo Freire em que:

“No fundo, o essencial nas relações entre educador e educando, entre autoridade e liberdades, entre pais, mães, filhos e filhas é a reivindicação do ser humano no aprendizado de sua autonomia. (...) Me movo como educador porque, primeiro, me movo como gente.” (FREIRE,2011, p.92).

Ao mesmo tempo em que dedicamos à construção da autonomia dos sujeitos que compõem o CEMAE, somos também sabedores de uma advertência que faz o grande pedagogo pernambucano:

“Ninguém é sujeito da autonomia de ninguém. Por outro lado, ninguém amadurece de repente, aos vinte e cinco anos. A gente vai amadurecendo todo

dia, ou não. A autonomia, enquanto amadurecimento do ser para si, é processo, é vir a ser. Não ocorre em data marcada. É neste sentido que uma pedagogia da autonomia tem de estar centrada em experiências estimuladoras da decisão e da responsabilidade, vale dizer, em experiências respeitadas da liberdade”.(FREIRE,2011, p.105).

Cuidando de nossas crianças, educamos, e educando, cuidamos delas. Foi com esse olhar que construímos a seguinte **Filosofia do CEMAE**:

“O CEMAE Aprender é um espaço é um espaço educacional que oportuniza vivências e múltiplas aprendizagens visando à formação intelectual, física, criativa e emocional das crianças e dos adolescentes”.
(CEMAE,2015, p. 14).

Baseada nessa filosofia, pensamos perseguir o **objetivo do CEMAE**:

O objetivo do CEMAE é ampliar, aprimorar e melhorar o atendimento no contraturno escolar (turno inverso) das crianças e adolescentes oportunizando um papel participativo e mobilizador, como seres ativos em busca de seus direitos, sabedores de seus deveres, autônomos, livres, conscientes e construtores de uma educação cidadã. (CEMAE, 2015, p.14).

No livro O professor e a escola escrito por Gadotti cita alguns relatos de Paulo Freire da seguinte forma:

“Na docência ser e saber, são indissociáveis. Nossa tradição clássica da educação, porém, evita, a todo custo, conectar nossos afetos com a nossa razão. Paulo Freire ao contrário, defendia uma razão “encharcada de emoção”. Insistia muito nesse ponto. A educação não deve ser um processo de formação de cidadãos úteis ao Estado, ao mercado, ou a sociedade. A educação responde pela criação da liberdade de cada ser, consciente, sensível, responsável onde razão e emoção estão em equilíbrio e interação constante”.
(Gadotti,2007, p.56).

Minha trajetória

Desde a minha infância, sempre gostei muito de música, e já nessa época eu construía os meus próprios instrumentos,

Vou citar alguns exemplos: para confeccionar um violão, eu arrancava as tábuas do galpão do meu pai. Como o meu pai não tinha serrote, eu cortava a tábua com um facão mesmo, em formato de violão ou guitarra, pregava “preguinhas” nas duas pontas do “instrumento”, espichava linhas de pescaria de um lado a outro, e assim, estava pronto o meu violão.

Como eu morava no interior, eu saía feliz, tocando no meu violão várias canções pelos “ poteiros” (campos) com o meu violão feito de pau a pique.

Também nessa época, como a minha família tinha chácara e trabalhava na lida de campo, eu sempre cantava para os porcos, para as galinhas e para o gado como se fossem a plateia a me assistir.

Fazia o meu show entusiasmado, porque se eu cantasse ou tocasse mal, eles não me vaiariam.

Outro instrumento que eu também gostava de ver os músicos tocarem nas bandas era a bateria, mas como montar uma?

Bom, descobri os sons das panelas da minha mãe quando estava lavando a louça, e nesse momento tocou no rádio uma música que eu gostava, então comecei a bater na panela, e descobri que se combinasse as panelas, ou seja, da menor para a maior, estava pronta a bateria. Mas, e os pratos de efeito?

Bom, se eu montei os tons com as panelas, os pratos davam para fazer com as tampas.

E foi assim, que eu construí a minha bateria, porém, tinha que desmontar o mais rápido possível, quando lembrava que estava na hora da minha mãe chegar do trabalho.

Também sempre gostei de metais, então fazia os meus trompetes e trombones com canos de PVC ou mangueiras de jardim e assim, eu saía feliz da vida soprando notas ao vento.

O microfone que eu usava, era um utensílio doméstico, feito de madeira popularmente conhecido como “socador de feijão”, e eu ainda cantava na frente do espelho, além disso, para iluminação de “palco” eu usava um pisca-pisca de natal e fazia performances de artista.

Com seis para sete anos, fui matriculado na escola, e, um dia na sala de aula, a professora perguntou a cada um dos alunos:

- O que você quer ser quando crescer?

Alguns alunos responderam que queriam ser médicos (as), advogados (as), engenheiros civis, policiais, entre outros. Quando chegou a minha vez, eu respondi com entusiasmo e euforia que queria ser músico.

Nossa! Fui alvo de muitas risadas na sala, fiquei com muita vergonha, porque até a professora deu um breve sorriso, mas continuei firme na minha resposta. Mas, os anos se encarregaram de mostrar a todos, o que era sonho, e o que era utopia.

Os advogados viraram sapateiros, os médicos viraram motoristas de caminhão, os engenheiros civis viraram pedreiros (construtores), e os policiais, alguns, viraram ladrões.

É claro que, alguns colegas, também conseguiram realizar o seu sonho. Por exemplo, na sala de aula, eu tinha uma colega que estudou comigo desde a primeira série até a sexta série do ensino fundamental, por nome de Eliane do Amaral.

Assim como eu tinha o sonho de ser músico, ela tinha o sonho de ser professora. Tendo uma infância difícil, abandonada pelos pais, e indo morar no Lar Padilha, que é um centro de acolhimento de menores em situação de risco.

E assim, a colega Eliane estudou muito, e ao longo dos anos começou a trabalhar em uma empresa de calçados para pagar a sua faculdade e com muito esforço tornou-se professora, provando que o sonho ou até mesmo a utopia é possível ser realizada, basta acreditar e trabalhar muito.

Dessa mesma forma, eu, sempre acreditei no meu sonho e foi com nove anos que ganhei o meu primeiro violão, e logo em seguida, comecei a estudar música. Dividia o tempo entre as aulas e os trabalhos na roça, mas no final do dia, sempre tirava um tempo para ensaiar as atividades propostas pelo professor.

Estudei um ano com um professor particular, e mais dois anos no conservatório de música que tinha na Ordem dos Músicos do Brasil, na cidade de Taquara (RS).

Segundo Paulo Freire, quem produz conhecimento é um ser humano, um ser de racionalidade e de afetividade. Nenhuma dessas características é superior à outra. É sempre um sujeito que constrói categorias de pensamento através de suas experiências com o outro, num determinado contexto, num determinado momento.
(FREIRE, 2007, p.85).

Com 12 anos de idade, ingressei nas bandas de baile, como integrante de equipe técnica, mas nessa época já dava alguns acordes, quando algum dos músicos tinha que descer do palco.

Com 14 anos, deixei a equipe técnica para ser guitarrista oficial da banda Romance da cidade de Igrejinha (RS). Nessa época eu andava de bicicleta cerca de 25KM até chegar na sede da banda, e a volta para casa era mais 25KM. Enfrentava frio, vento chuva e muitas vezes, calor de 40° graus, mas para mim era sagrado estar presente na sede e no horário, mesmo que fosse só para um ensaio. Com o decorrer dos anos, fui estudando outros instrumentos como o baixo, a bateria, a percussão e o trompete, junto com a teoria musical. Fui músico por mais de dez anos, mas nessa época já dava algumas aulas (de violão) particulares.

E assim, ao longo dos anos, fui descobrindo que a minha vocação não era só de tocar, mas também era de dar aulas de música, e repassar esses conhecimentos aos alunos que estavam começando a sua caminhada musical.

A experiência no CEMAE

No final do ano passado, um amigo e colega músico meu, me falou que havia uma vaga no CEMAE Aprender para um professor na parte de percussão. Fui chamado para uma reunião com o coordenador, a diretora e a orientadora educacional para tratar sobre o projeto, idealizar caminhos a seguir, traçar metas, e assim por diante.

Desde o primeiro pensamento, a ideia sempre foi montar uma “banda de lata”, ou seja, de percussões, chocalhos e tambores, tudo confeccionado a partir de materiais recicláveis. A partir daí, mesmo sendo mês de dezembro e as aulas começariam só em março, já comecei a coletar latas, baldes, ferros de construção civil, entre outros materiais.

Quando iniciamos as atividades do CEMAE Aprender, em março, as crianças não tinham muita ideia de como seria a tal “banda de lata”, mas tentei explicar o mais claro possível. A partir daí muitos alunos criaram expectativas e entraram na oficina denominada “Reciclando o Som”.

Antes de iniciar as atividades, eu fui nos bares e bailões da cidade, e consegui inúmeras tampinhas de garrafa para fazermos pandeiros e chocalhos. Primeiramente, enquanto algumas turmas amassavam as tampinhas, outras turmas tinham o compromisso de furar as tampinhas.

Nossos instrumentos começaram a ser confeccionados da seguinte forma: pandeiros ou meia-luas, feito com garrafas de sabão líquido com tampinhas. Fizemos também, alguns chocalhos com pedaços de madeira, alguns pregos e tampinhas também. Confeccionamos ainda, alguns triângulos feitos com ferros de construção civil, entortamos até deixar no formato do triângulo.

Já tínhamos feito vários instrumentos, mas surgiu a ideia de fazer uma bateria de latas e como eu tinha alguns pedestais e pratos de efeito de uma bateria bem antiga, acabamos reaproveitando tudo para montar a nossa bateria.

As partes da bateria foram montadas da seguinte forma: o bumbo (ou pé), nós fizemos com um tonel de lixo que cortamos um pedaço, após, furamos para pôr e amarrar a pele e espichamos com algumas cordinhas.

A caixa (ou tarola), nós fizemos com uma caixa de parafusadeira com tampinhas dentro da caixa, e uma esteira (mola) de bateria original que iria para o lixo, pois algumas molas estavam arrebitadas.

Os tons, na primeira versão fizemos com dois baldes, mas acabou rachando, na segunda versão fizemos com latas de mantimentos. São latas com tampas e assim, amortece o impacto da baqueta e não racha o tom. O surdo foi feito com um balde de enxaguar roupas, aonde foi soldado junto ao pedestal do prato de ataque.

A base que segura os tons foi feita de um pedaço de cadeira de ferro com alguns ganchos soldados para pendurar os tons. Montamos tudo isso, cada peça no seu lugar, estava pronta a nossa bateria.

Fizemos também um palco móvel, para o deslocamento da bateria de um lado para outro, ou seja, em desfiles populares, enquanto uma empurra o palco, a outra vai tocando.

No mesmo tempo, nós construímos um “marimbau” que é um instrumento todo feito de latas e tampinhas. É uma espécie de “boneca de lata”, na qual colocamos o nome dela de Latalícia. Confeccionamos ainda, alguns marcadores de tempos (compassos) e escaletas feitas a partir de ferros de cadeira, cortados em tamanhos em ordem crescente.

Como professor, devo saber quem sem “a curiosidade que me move, que me inquieta, que me interesse na busca, não aprendo em ensino”. (FREIRE, 2007, p.85).

Temos mais um instrumento que está quase pronto que é a nossa percussão de latas, foi confeccionado a partir de duas camas soldadas para fazer a estrutura, latas de diversas bitolas, e câmeras de pneu de bicicleta para amarrá-las.

Confeccionamos ainda, um trompete maluco, ou melhor, reaproveitamos um trompete que estava para ser colocado no lixo. Cortamos a campana, que é a parte mais longa e adaptamos em um capacete de obras (de pedreiro) e alongamos o caminho do som a percorrer, com uma mangueira de jardim, assim o som final sai por cima do capacete, e o capacete na de quem estiver tocando.

Paulo Freire deixa claro que” ensinar não transferir conhecimentos e nem transmitir conteúdos acumulados, e sim, quem ensina aprende a ensinar e quem aprende ensina a aprender”. (FREIRE, 2007, p.85).

.Lembrando que todos estes instrumentos são feitos em companhia das crianças, as quais, também trazem muitas ideias. Estou muito feliz com este trabalho, e espero poder contribuir sempre com novas invenções. Ninguém quer parar de vir no CEMAE, nossa segunda casa, pois é um lugar de ser feliz e aprender coisas novas, foi o que disseram o grupo de alunos da turma cinza (manhã).

Algumas considerações

Paulo ressalta ainda: “a ética que se refere é a que se sabe afrontada na manifestação discriminatória de raça, de gênero, de classe. É por esta ética inseparável da prática educativa, não importa se trabalhamos com crianças, jovens ou adultos, que devemos lutar. E a melhor maneira de lutar é vive-la em nossa prática, é testemunhá-la, vivas, aos educandos em nossas relações com eles”.

(FREIRE, 2007, p.85).

Contudo, penso que enquanto ensinarmos algo de bom e produtivo para as crianças, dificilmente veremos elas pelas ruas sem ter o que fazer, e até sendo alvo de más companhias, porque vemos nas crianças, a esperança de um mundo melhor, por essa razão o nosso compromisso é sempre ensinar o caminho melhor a seguir.

“Não podemos nos assumir como sujeitos de procura, da decisão, da ruptura, da opção, como sujeitos históricos, transformadores, a não se assumindo-nos como sujeitos éticos. Neste sentido, a transgressão dos princípios éticos é uma possibilidade, mas não é uma virtude. Não podemos aceita-la”. (FREIRE, 2007, p.17.)

E ainda, temos aquela poesia do saudoso cantor Leonardo (céu, sol, sul terra e cor) que diz:

“Pois tudo que se planta cresce, e o que mais floresce é o amor”. E nós temos muito amor naquilo que fazemos e pelas nossas crianças também!

Pelo relato dessa experiência pude perceber que a minha trajetória musical e profissional no Centro tem contribuído para uma compreensão de um educar mais humano e também para mostrar a nossas crianças que sonhos são possíveis, é importante acreditar e persistir. Somos todos tijolos, cimentos e areias, na eterna construção para um mundo melhor.

Referências Bibliográficas

CEMAE Aprender. *Projeto Político e Pedagógico*. 2015

FREIRE, Paulo. *Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa*. São Paulo: Paz e Terra, 2007

GADOTTI, Moacir. *A escola e o professor: Paulo Freire e a paixão de ensinar!* São Paulo: Publisher, Brasil, 2007.

FREIRE, Paulo. *Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa*. São Paulo: Paz e Terra, 2011.